

Exegese e Meditação

sôbre Mat. 21,33-46

por P. G. Brakemeier

A. Exegese

1) *O contexto*

O trecho Mat. 21,33-46, dentro do próprio evangelho de Mateus, faz parte de uma unidade maior que pode ser resumida sob um único tema: Os últimos conflitos entre Jesus e seus adversários em Jerusalém. O evangelista colecionou nos capítulos 21-23 do seu livro episódios, acontecimentos e palavras, mostrando o escândalo provocado por Jesus e sua pregação. A purificação do templo, as palavras a respeito da figueira sem frutos, a parábola dos dois filhos fazem com que os inimigos de Jesus, a saber os grupos líderes dos judeus, perdem os últimos escrúpulos. O seu plano de se apoderarem dêste elemento perturbador e de arrastá-lo para a morte toma feições concretas. O cap. 22 contém a parábola das bodas que na versão em que Mateus a apresenta, só pode ser tomada como um afronto direto a êsses grupos. Seguem as disputas: a) com os fariseus a respeito de questão do tributo, b) com os saduceus a respeito da ressurreição, c) com os fariseus e escribas a respeito do maior mandamento. Enfim o cap. 23, que na forma atual representa uma coleção das palavras acerbas contra os fariseus. Os capítulos 21-23 do evangelho de Mateus mostram que o conflito entre Jesus e seus adversários é irreparável, levando incontestavelmente à crucificação. Os judeus não ouvem, não querem ouvir, são incapazes para o arrependimento. Êles fracassam no cumprimento da verdadeira vontade de Deus e são, portanto, atingidos pelo juízo.

A parábola dos maus lavradores é parte dessa unidade, tendo o mesmo escopo. "Os principais sacerdotes e os fariseus, ouvindo estas parábolas, entenderam que era a respeito dêles que Jesus falava" (21,45). Portanto, êles entenderam o que Jesus lhes queria dizer: Israel se nega a cumprir a vontade de Deus. Os servos de Deus, em vez de serem ouvidos, foram maltratados e, enfim, é rejeitado e assassinado o próprio Filho. É por isso que virá o juízo. O único motivo impedindo os judeus a prender Jesus é conforme o último versículo do nosso trecho o medo do povo que considerava Jesus um profeta. Todavia, a partir de agora tudo corre segundo a sua própria lógica inerente, terminando na cruz. As palavras

de Jesus não podem impedir a sua crucificação, ao contrário, elas aceleram-na. É com base neste fundo histórico que a nossa parábola deve ser compreendida.

2) *A estrutura*

Quanto à estrutura pouco é preciso dizer. Ela é clara e evidente.

a) V 33 é introdução. Descreve como o dono de casa plantou a sua vinha e a arrendou a lavradores. Por meio de detalhes provavelmente deve ser expresso o cuidado e o amor com que trata o senhor a sua vinha. O que êle entrega aos lavradores é, portanto, algo valioso e precioso.

b) V 34-36: O dono de casa envia os seus servos.

c) V 37-39: O dono de casa envia o seu filho.

Ambos os trechos são paralelos; ambas as vezes negam os lavradores os frutos exigidos pelo senhor. E não só isso: maltratam e matam os enviados. V 37 quer expressar que a missão do filho resulta de uma decisão meditada daquele senhor. É uma última esperança, na qual, entretanto, igualmente se vê malgrado.

d) Aqui termina a parábola. O versículo 40 é uma pergunta de Jesus que tem por finalidade provocar um juízo por parte dos ouvintes: Que fará o senhor daquela vinha aos lavradores?

e) No V 41 os ouvintes dão a resposta: Êle os castigará e dará a vinha a outros.

f) V 42-43: Um comentário de Jesus. No vers. 42 Jesus recorre à passagem do Salmo 118 22-23 (LXX: Sal. 117). O V 44 não pertence à versão original da parábola. Alguns manuscritos o incluíram de Luc. 20,18 não combinado com o V 43. (Conf. Schniewind: NTD, pág. 219)

g) V 45-46 é a conclusão: A reação dos fariseus e dos líderes. Isso quanto à estrutura. Ela não apresenta maiores dificuldades para a compreensão. Antes de falarmos do conteúdo e de seus problemas ainda a explicação de alguns termos.

3) *Têrmos*

a) Marcos e Lucas falam apenas de um homem possuidor de uma vinha, enquanto que Mateus fala de um "oikodespotes", dono de casa. É provável que Mateus neste caso especificou com o intuito de acentuar os direitos de senhor daquele homem, o que faz com que o proceder dos lavradores apareça ainda mais como usurpação criminosa. Em todos os três evangelhos, porém, é o versículo um recurso a Isaías cap. 5 que é citado verbalmente em algumas passagens. Isaías usa êste exemplo para, por meio dêle, ilustrar a desobediência de Israel. No entanto, há uma diferença fundamental entre Is. 5 e a nossa parábola. Em Isaías diz que, apesar de todos os cuidados por parte do senhor da vinha, esta não deu frutos, o

que resulta numa destruição da vinha. Portanto: Israel é comparado à vinha. Não assim na nossa história: Aqui a vinha representa o reino de Deus ou seja a aliança que foi concedida aos lavradores, a Israel. Não a vinha nega os frutos, mas os lavradores o fazem, de modo que não a vinha será destruída, mas os lavradores serão castigados. A vinha será dada a outros, o reino de Deus (V43) será dado aos que dão os devidos frutos. É importante observar essas divergências.

b) apodemeo — significa: ausentar-se, as não forçosamente ausentar-se do país. Este traço é de suma importância, porque a ausência do senhor possibilita a revolta dos lavradores.

c) No versículo 42 temos outra citação de uma passagem do AT. "lithos genomenon eis kephalen gonias" pode significar tanto a pedra que se tornou a angular como também a pedra que se tornou a final. Por meio dessa passagem é dada uma interpretação estritamente cristológica à parábola. A pedra rejeitada é o filho que se tornou a pedra principal. Os outros servos, maltratados ou mortos anteriormente, ficam fora da perspectiva, só é falado ainda do filho, morto pelos lavradores. Toda a atenção se concentra no que é o herdeiro. Ele representa aos fariseus e seus semelhantes a pedra de tropeço e, sobre quem ela cair, será esmagado. Por isso teria o V 44 (após o V 42) o seu lugar justificado.

d) Uma palavra ainda quanto ao herdeiro: kleronomos. Conforme P. Billerbeck cada judeu podia apoderar-se dos bens abandonados e sem proprietário de um prosélito. Se não mais existia proprietário, tinha a preferência aquêle que primeiro tomava posse de tais bens. É provável que tal situação é suposta por nossa parábola. Os lavradores querem eliminar o herdeiro e apoderar-se da vinha. No entanto, também tais recursos históricos não explicam satisfatoriamente um traço deveras estranho. Pois, enquanto vive o senhor da vinha, essas esperanças são baldias. Mesmo assassinado o herdeiro, eles não podem supor poder tomar posse das terras, ao contrário deveriam esperar a vingança do senhor. Mas com isto passamos ao seguinte ponto da exegese.

4) *Forma literária*

Em poucas palavras: Encontramos nesta parábola uma série de traços inverossímeis, alheios à realidade.

a) a incrível paciência do senhor da vinha. Mateus fala de muitos servos enviados pelo senhor sucessivamente. O que espanta é o fato de que o senhor não reage às injustiças cometidas com respeito a seus servos. Já após a primeira vez o normal teria sido que o senhor tivesse tomado as devidas providências. No entanto, aquêle senhor não se cansa em fazer sempre novas tentativas.

b) A missão do filho é completamente incompreensível. É sinal de ingenuidade do dono de casa, opinando que os rebeldes respeitariam o seu filho.

c) Não compreendemos também o procedimento dos lavradores. Razoável seria negarem os frutos, o pagamento e ignorarem os servos. Mas nada justifica assassinio. É ilógica a atitude dos lavradores.

Ainda outros traços poderiam ser mencionados. Além disso gostaríamos de saber mais. Onde é que está o senhor? Que significa: Lançaram-no (o filho) para fora da vinha? Basta para poderemos constatar: O episódio contado por nossa parábola na realidade acontece dificilmente. Isso nos leva à conclusão que o nosso trecho não é uma parábola propriamente dita, mas sim uma alegoria. Uma *parábola* é uma comparação ampliada em forma de história. "Assim como" são as palavras chaves para a compreensão de uma parábola. Assim como a semente é lançada no campo e produz fruto em quantidade diferente, assim como o grão de mostarda cresce e se torna grande árvore, assim também é com o reino de Deus. Uma *alegoria* não compara, uma alegoria identifica. O que deve ser dito dá a uma alegoria a sua forma, não se importando com o que na realidade é possível. Parábolas usam fatos e acontecimentos da vida diária: o pescador que lança as redes, ou também acontecimentos exemplares como a história do bom samaritano ou ainda histórias que muito bem poderiam acontecer, com a história do filho pródigo. Tudo permanece dentro das possibilidades reais e naturais. Não assim a alegoria. Nela tudo é modelado com base no que o autor por meio dela quer expressar. Isto é o caso com o nosso trecho. Todos os personagens podem ser identificados: O senhor é Deus, a vinha o reino de Deus, os lavradores são os israelitas, os servos os profetas e os mensageiros de Deus, que foram maltratados e mortos, o filho é Jesus Cristo, que foi lançado para fora, ante os muros de Jerusalém e pregado na cruz, os outros, aos quais será dada a vinha, são os cristãos. É provável que, além disto, o castigo dos judeus é identificado com a conquista de Jerusalém pelos romanos no ano 70 A.D. Portanto, traço por traço pode ser identificado o que explica a estranheza dessa história.

Sabemos, entretanto, que Jesus falou em parábolas, não em alegorias. Além da história das bodas no cap. 22 do evangelho de Mateus é a nossa história a única verdadeira alegoria nos evangelhos sinóticos. E mais alguma coisa nos faz pensar: Em nenhuma outra parábola, exceto na nossa e na das bodas, aparece o filho ou seja Jesus Cristo mesmo. Jesus Cristo não introduziu a sua própria pessoa nas parábolas, de modo que concluímos que Mat. 21, 33-46 não é da autoria de Jesus. Essa assim chamada parábola contém a pregação da primeira comunidade a respeito de Jesus Cristo, mas não é pregação autêntica de Jesus mesmo. O teólogo J. Jeremias faz a tentativa de destilar uma forma anterior à nossa história que fosse parábola e não alegoria. Fato é que Mateus apresenta a forma mais alegórica. No entanto, essas tentativas não convencem, de tal forma que também não é possível atribuir parte dessa parábola a Jesus. Isto aqui é uma alegoria evidente, refletindo a situação da primeira comunidade em seu conflito com os judeus, é pregação

da primeira comunidade. E é pregação cristocêntrica o que dá a ela a sua autorização.

5) *O conteúdo*

Constitutivo para o nosso trecho é, como já foi dito, o conflito do primeiro cristianismo com o judaísmo da sua época. Surgiu o problema: O povo de Israel que não chegou à fé em Jesus Cristo, que será d'ele? É uma problemática que conhecemos também da carta do apóstolo Paulo aos Romanos, por exemplo. Quem representa o verdadeiro Israel? A primeira comunidade, por meio da nossa história, deu uma resposta. É interessante observar, como ela o faz.

Ela dá em primeiro lugar um esboço da história de Deus com o seu povo. Israel recebeu de Deus um dom de inestimável valor, a vinha ou seja o reino de Deus. Deus é o rei de Israel, o seu senhor, o seu Deus por meio da aliança, Israel o seu povo. Mas Israel fracassou, melhor, se revoltou. Os mensageiros de Deus, não os ouviu, não se arrependeu, negou a Deus os frutos. Por fim veio o Filho. A nossa história lembra a passagem Hebr. 1, 1: "Havendo Deus, outrora, falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, nos profetas, nestes últimos dias nos falou, em um que é o seu Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas." A paciência de Deus com o seu povo é incrivelmente grande, ela é, contra todas as leis lógicas, graça, assim como o é a missão do seu Filho. O que nos parece estranho na atitude do senhor da vinha, em verdade é a graça de Deus para a salvação de todo o que ouve o Filho. A vinda do filho é a vinda de Jesus Cristo que é, conforme a teologia da primeira cristandade, o herdeiro que faz com os seus adeptos sejam herdeiros do reino de Deus.

Com isto já é dito quem representa o verdadeiro Israel: Não aqueles que se supõe em posse da vinha, mas aqueles que ouvem e obedecem ao herdeiro. A "kleronomia" será tirada dos judeus e dada aos cristãos. A comunidade cristã é o Israel legítimo através do Filho que é o seu mestre. Sem dúvida, não é nacionalismo que aqui fala nem um certo tipo de antisemitismo, e isto apesar de que os judeus não são simplesmente acusados de ignorância. Não, eles sabiam que este era o Filho e a sua eliminação é, portanto, assassinio consciente. Todavia, aqui não fala o ódio, um ódio que se dirigisse contra os judeus como nação. Os judeus não serão castigados por serem judeus, simplesmente, mas porque negaram o fruto. Da mesma forma será dada a vinha também unicamente àquêles que darão os frutos (V 41). O limite entre o falso e o verdadeiro Israel não é portanto um limite de nacionalidade, nem de raça, mas sim é estabelecido pela obediência ou desobediência ao Filho. Rompem-se os limites nacionais e é visada a missão e a possibilidade de salvação dos pagãos.

Os desobedientes judeus atinge o castigo, justamente por terem assumido um compromisso com Deus. Os judeus são os

mordomos do seu senhor e de tais é exigido mais do que dos outros que não o são. A graça outrora concedida ao povo de Israel agora, em consequência da desobediência, volta-se contra o povo e é motivo de sua catástrofe.

Nos versículos 42-44 temos pregação genuinamente cristã. Quão absurda é a esperança dos judeus de poderem apoderar-se da vinha do senhor, mostra o fato de que eles não contam realmente com este seu senhor. No entanto, êle vive. Talvez possa-se dizer que é esta a culpa principal do povo rebelde: Eles não contam com o senhor, não fazem caso dêle, eles o tomam por trouxa, por mera figura ridícula. Não negam a sua existência, sim a existência do senhor lhes é incômoda como o mostra o tratamento que dão aos seus servos. Mas eles o julgam ausente, mudo, fraco, inerte, ingênuo, fora de ação. É êsse o conceito de Deus que, implicitamente, eles têm: Deus um trouxa, do qual não é preciso fazer muito caso. Acham que também o assassinio do Filho não provocará maior reação no senhor ausente.

O erro dos judeus é que eles ignoram que Deus vive. Por isso eles também interpretam mal a sua paciência. Tomam por ingenuidade e fraqueza o que na realidade é longanimidade e graça. Deus vive. E por isso êle não se conforma com a morte, o assassinio de seu Filho. Deus não pode ser assassinado, por isso a pedra rejeitada é transformada em pedra angular. Ou para falar com Lucas, no Livro dos Atos: Este Jesus que vós matastes, este Deus ressuscitou (Atos 2,23-24; 3,15; etc.). Em Mat. 21,42 serve a passagem tirada do AT, portanto, para a demonstração do fato de que Deus ressuscitou o seu Filho. Mais uma vez: Jesus Cristo é o limite que separa o Israel verdadeiro do Israel falso. A primeira cristandade pregou missão, morte e ressurreição de Jesus Cristo — para isto a parábola dos maus lavradores é um exemplo impressionante.

Não resta dúvida de que os versículos 45 e 46 descrevem em fieldade histórica a reação que Jesus Cristo provocou por meio de sua pregação. A vontade de Deus que êle pregara tão radicalmente era o escândalo para os seus adversários. Mas da mesma forma temos motivos de afirmar: Tão bem como Jesus provocara o escândalo, tão bem o fazia também a primeira comunidade por meio de sua pregação cristocêntrica. Também após a sua crucificação Cristo permanece sendo a linha divisionária, na qual se separam os justos e os injustos, as ovelhas e os cabritos (Mat. 25,31 ss). Em Jesus Cristo o plano de Deus, mas também a sua paciência chegam ao término. A Igreja tem a herança do antigo povo de Israel. É compreensível que essa afirmação causou as fervorosas perseguições aos primeiros cristãos, que Cristo continuava sendo odiado e perseguido.

B. Meditação

Eu já disse que a nossa história, com grande probabilidade, não é da autoria de Jesus. Isso entretanto não é, de forma alguma,

motivo ou justificação para não pregarmos a respeito. O nosso trecho se enquadra maravilhosamente na pregação da primeira comunidade e a sua proclamação é também a nossa, desde que seja pregação de Jesus Cristo. Também a pregação do apóstolo Paulo, por exemplo, é pregação da primeira comunidade e não hesitamos em tomar passagens das suas epístolas como textos das nossas prédicas. Eu não vejo motivo algum em rejeitarmos nos evangelhos o que nas epístolas aceitamos. O NT todo, de um modo geral, é o documento da pregação que fundou a Igreja, ela o é como proclamação do evento de Cristo. Também nós pregamos Jesus Cristo, é a nossa incumbência. No entanto, não é nossa obrigação de simplesmente reproduzir. A situação histórica hoje é diferente daquela da primeira comunidade. Por isso talvez seja necessário indicar alguns perigos que uma prédica atual a respeito dêste trecho pode correr:

a) Escolher como tema da prática "Os judeus e a Igreja" é errôneo. Surge o perigo de uma repriminção dos limites nacionais ou também raciais, surge o perigo de uma afirmação demasiadamente despreocupada no sentido de: Os judeus perderam a salvação, nós a temos. Além disso significaria uma tal atitude uma recaída num farisaísmo cristão. Também cristãos podem tornar-se usurpadores do reino de Deus. Cristo é também dentro da própria igreja cristã a linha divisionária e o verdadeiro Israel não coincide com fronteiras nacionais nem simplesmente com o número dos batizados.

b) Outra forma de prédica desastrosa seria uma prédica que unicamente levantasse exigências morais, mais ou menos neste sentido: Deveis trazer frutos. Significaria transformar o evangelho em lei. É natural que, assim como temos de falar nos judeus, assim temos de falar também do dever de trazer frutos, mas não só. Nós somos nem os beati possidentes, nem tão pouco temos de alcançar a nossa salvação por próprio esforço. O nosso trecho é evangelho e devemos pregar uma boa mordomia, resultando daquilo que temos recebido.

Tentarei, no seguinte, resumir em três pontos distintos o que, segundo o meu parecer, deveria e poderia ser conteúdo de nossa prédica, com base no texto.

1) Para o homem é problemática a ausência de Deus. O termo "kai apedemesen" significa para os lavradores da vinha assim como para o homem em geral uma sedutora tentação. Não assim o fato de que êle recebe. Assim como o filho pródigo recebe a sua herança, assim como receberam os lavradores a vinha, assim recebem os homens a graça de Deus. Êles aceitam os múltiplos benefícios da vida diária sem perguntar de onde vem, nem se os merecem, êles recebem o batismo, a assistência da Igreja, êles recebem a sua vida. Se aqui no nosso trecho a vinha é identificada com o reino de Deus, então não significa isso que tivéssemos de falar unicamente do batismo e do fato que somos cristãos, mas de um modo

geral: que Deus é nosso rei, que êle nos dá o que dá um rei e um pai. Se somos cristãos, então sabemos que é Deus que nô-lo dá. A vinha representa a graça de Deus em sua totalidade. O problema é que os cristãos são mordomos ou, em outras palavras, o problema é que Deus dá a sua graça e se ausenta. O homem é livre na administração dos bens recebidos, mas êle não é livre de compromissos. A sua liberdade que é grandemente aumentada em consequência da ausência de Deus é interpretada muitas vêzes como liberdade dos compromissos. A pregação cristã proíbe tal interpretação. Além disso, diz a nossa história que a rebeldia e a autosuficiência do homem não provêm de simples ignorância, mas de uma intenção ponderada. Êle sabe da graça de Deus, êle a vê, no entanto não quer ver o compromisso que dela resulta. Êle se revolta contra o compromisso e com isso, ao mesmo tempo, contra Deus. Êle não quer que as dádivas sejam de Deus e nisso consiste o seu pecado. Usurpa as dádivas com o fim de usá-las exclusivamente em seu próprio favor.

2) Por êsse motivo "dar frutos" aqui não significa fazer algumas boas obras, mas saber-se devedor de Deus. Quem se sabe devedor de Deus, êsse dará frutos e se não der, ouvirá os mensageiros e se arrependerá, mas jamais se revoltará. O perdão não é visado por nosso trecho o que, entretanto, não significa que ficasse excluído. Isto não. O nosso trecho visa outra coisa: O pecado fatal, a revolta contra Deus que não permite ser chamado para o arrependimento, uma revolta que é surda quanto às exigências de Deus. Pois os lavradores não só fracassam, êles não querem, são inacessíveis à palavra dos servos e do Filho. Por isso o êrro dos mordomos não deve ser procurado em algo superficial ou seja na falta de boas obras, mas em algo muito fundamental: No intuito expresso de negar a Deus o seu senhorio, os seus frutos, os seus direitos. O Deus ausente parece dar-lhes justificativa para tal procedimento. Antigamente como hoje é preciso dizer com tôda a ênfase que um Deus aparentemente ausente (ou seja também a nossa liberdade) não anula a nossa responsabilidade. Deus, que aparentemente não se manifesta, não é ingênuo nem fraco. Êle vive, e, se êle tem paciência, então isto é graça.

3) Deus insiste nas suas exigências. Isso êle mostra por meio da missão de seu Filho. Os lavradores não podem fazer Deus calar-se. Assassinar o herdeiro, a rigor, não é possível, pois se Deus é Deus, êle o ressuscita. Missão, morte e ressurreição do Filho é o sinal de que Deus por um lado insiste nos seus direitos de senhor e por outro lado que êle não é fraco, nem ausente. O Deus ausente veio aos homens em seu Filho, no qual êle está presente, assim como êle está presente na palavra dos seus servos. Deus faz valer a sua vontade ainda hoje, reclama hoje os seus direitos. A crucificação, a eliminação de Jesus Cristo ainda hoje é a terrível tentação também dos cristãos: Primeiro eliminar Jesus Cristo, então apoderar-se da vinha e usurpar o lugar que cabe a Deus. Onde isso acontece, lá sou eu o senhor de minha vida (e não raro também o se-

nhor da vida dos outros), de meus bens, de tudo que eu possuo e tenho, lá sou eu o senhor absoluto do mundo. O mesmo pode acontecer dentro dos próprios muros da Igreja, a saber que Jesus Cristo é eliminado e homens assumem o govêrno, autônomos e independentes daquele que professam ser seu mestre. É possível fazer em nome de Jesus Cristo muita coisa e ao mesmo tempo fazê-lo como senhores e não como discípulos. Também neste caso Jesus Cristo deve calar-se e com êle o próprio Deus. É surpresa que sob tais condições a vinha será dada a outros? O domínio pertence a Deus em todos os setores da vida, antes de tudo, porém, na própria Igreja cristã.

A última parte das minhas exposições falou quase que exclusivamente dos nossos deveres e das exigências de Deus. Mas a "parábola" dos maus lavradores não quer amedrontar. Devemos pregar ambas as coisas: os benefícios de Deus, a sua graça e dela resultando como dever de honra a nossa obrigação.

Literatura

- 1) J. Schniewind: Das Evāngelium nach Markus, NTD, Vol. 1, Göttingen 1956 ⁷⁾ e: Das Evāngelium nach Matthäus, NTD, Vol. 2, Göttingen 1956 ⁸⁾.
- 2) R. Bultmann: Die Geschichte der synoptischen Tradition, Göttingen 1957 ³⁾
- 3) P. Billerbeck: Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch, Vol. 1, München 1956 ²⁾
- 4) E. Linnemann: Gleichnisse Jesu, Göttingen 1962 ²⁾
- 5) J. Jeremias: Die Gleichnisse Jesu, Göttingen 1956 ⁴⁾
- 6) H. J. Iwand: Predigtmeditationen (Sammelband), Göttingen 1964 ²⁾ pag. 572 ss
- 7) K. G. Steck: em Göttinger Predigtmeditationen, Ano 13, 1958/59, Pag. 202 ss